

PROPRIEDADES FUNCIONAIS VERBAIS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Ione Barbosa de Oliveira Silva (UESB)¹, Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira (UESB)²

RESUMO:

Investigamos os traços funcionais indicadores de tempo e aspecto em Libras, analisando, com base na geometria de traços proposta por Cowper (2003), amostras de fala nessa língua, produzidas por surdos, transcritas via SEL (sistema de escrita para línguas de sinais), versão 2017³. Os resultados indicam que tempo em Libras toma como âncora a propriedade da dêixis. Assim, os operadores temporais articulados ocorrem, nessa língua, necessariamente marcando futuro; os outros tempos dividem-se em passado e presente marcados por operadores articulados e passado e presente não-marcados, a depender do aspecto verbal.

PALAVRAS-CHAVE: Aspecto; Geometria de Traços; Libras; Modo; Tempo.

Verbal functional properties in Brazilian Sign Language

ABSTRACT:

We investigate the functional features that indicate verbal tense and aspect in Libras, based on the feature-geometry proposed by Cowper (2003). We analyze samples of speech in that language, produced by deaf, transcribed by SEL (writing system for sign language), 2017 version. The results indicate that tense in Libras takes as anchor the deixis property. Thus, the articulated temporal operators occur in that language necessarily marking the future; the other tenses are divided into past and present marked by articulated operators and non-marked past and present, depending on the verbal aspect.

1 Professora Auxiliar do Departamento de Ciências Humanas e Letras- DCHL da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB/ Campus de Jequié.

2 Professora Titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB/ Campus de Vitória da Conquista.

3 Para conhecimento desse sistema, em sua versão mais recente, consulte o blog “Escrita SEL” no endereço: www.sel-libras.blogspot.com.br.

KEYWORDS: Aspect; Features-Geometry; Libras; Mood; Tense.

INTRODUÇÃO

A identificação e a delimitação de categorias gramaticais e, conseqüentemente, de propriedades funcionais dessas categorias, não se dão com tranquilidade no caso das línguas de sinais. Não se observa nos sinais da Libras uma morfologia categorial articulatoriamente realizada. Em (1) abaixo, o sinal que se articula como $\overset{\epsilon}{\underset{\alpha}{\gamma}} = \overset{\alpha}{\gamma} \cdot \text{p} \cdot \text{q}$ pode ser traduzido para o português como o verbo “casar” em (1a), mas também como o adjetivo “casados” em (1b) e o nome “casamento” em (1c).⁴²

(1) a.

M[eu/inha] AMIG[o/a] QUER[er] CAS[ar] MÊS M-A-I-O

‘Minha amiga quer se casar no mês de maio.’

b.

EL[e/a]S-DOIS CAS[ado/a/s] VERDAD[e/mente]

‘Eles dois são casados de verdade.’

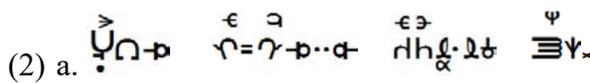
c.

SÁBADO EU [ir] CAS[amento] PRIM[o/a]

‘Sábado eu vou ao casamento de meu primo.’

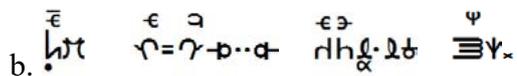
Não obstante, a não observação de uma morfologia explícita, que caracterize categorialmente os sinais em Libras, não significa dizer que os traços abstratos, que comumente se manifestam como morfemas funcionais nas línguas orais, não estejam presentes em línguas de sinais. Nas sentenças em (2) identificamos os tempos presente, passado e futuro, independentemente da presença de uma morfologia flexional verbal.

4 Utilizamos em nossas glosas as seguintes regras: (I) os sinais são sempre grafados em caixa alta; (II) a datilografia é grafada com hifens separando os caracteres, como por exemplo, C-O-N-Q-U-I-S-T-A; (III) os morfemas flexionais ou derivacionais são escritos com letras minúsculas e colocados entre colchetes sempre que interessar apontar algum tipo de oposição possível, por exemplo, TRABALH[o]/TRABALH[ar], CAS[ar]/CAS[amento] (definidos mais pela ortografia do que pela estrutura morfológica: FOR[te/ça]); (IV) Para não haver dificuldade com a grafia dos verbos irregulares, mantendo sempre a raiz, optamos por utilizar somente a forma infinitiva; (V) se houver dupla possibilidade de inclusão de um morfema, colocamos os dois entre colchetes separados por uma barra: EL[e/a]; (VI) a intensificação de um sinal por mudança de ritmo do movimento ou por expressão facial e a negação por sinal que já inclui essa propriedade são representadas pela escrita das palavras “muito” e “não”, em letras minúsculas sobrescrito, do lado direito do sinal: FOR[te/ça]^{muito}, QUER[er]^{não}; (VII) apontações por Localizadores (certos sinais de apontação analisados por Prado (2014) como itens pertencentes à categoria dos Determinantes) são grafadas, utilizando-se a abreviação Loc com o referente indicado pelo Localizador grafado logo em seguida com letra maiúscula: LocEU, LocMARIA; (VIII) apontações por verbos direcionais são grafadas, utilizando-se a abreviação Loc com sua indicação do referente subscritos: $\text{LocVOCE}_{\text{AVIS}}[\text{ar}]_{\text{LocEU}}$; (IX) o fenômeno da incorporação de argumentos (ou autossaturação) é indicado pela subscrição do argumento escrito em maiúsculas: BAT[er]_{A PORTA}; (X) categorias vazias são indicadas pelo símbolo \emptyset .

(2) a. 

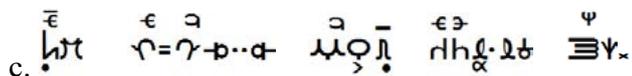
PESSOA[s] CAS[ar] PORQUE QUER[er]

‘As pessoas se casam porque querem.’

b. 

EU CAS[ar] PORQUE QUER[er]

‘Eu me casei porque eu quis.’

c. 

EU CAS[ar] AMANHÃ PORQUE QUER[er]

‘Eu me caso/casarei amanhã porque eu quero.’

Para verificar a marcação de propriedades funcionais na categoria de verbos da Libras, tomamos como base a hipótese da geometria de traços de Cowper (2003) para análise dos nossos dados, a qual adota como pressuposto a ideia de que a sintaxe e a semântica de *tempo*, *modo* e *aspecto* são baseadas em um pequeno conjunto de traços que se combinam para manifestar as formas temporais flexionais de uma dada língua.

O *corpus* da pesquisa se constitui de amostras de fala natural em Libras, coletadas de três informantes surdos adultos, falantes de Libras, estudantes do ensino superior. A coleta foi realizada via gravação em vídeo, em sessões com este fim, nas quais foi solicitado que os informantes contassem uma fábula e relatassem fatos de sua vida. Para a transcrição dos dados, utilizamos o *Sistema de Escrita para Língua de Sinais* – SEL, desenvolvido por Lessa-de-Oliveira (2012), versão 2017. Também transcrevemos os dados por meio de glosas e fizemos uma interpretação desses para a Língua Portuguesa, para melhor entendimento dos dados por não falantes da Libras.

Enfim, esse trabalho objetiva demonstrar que o sistema de marcação de tempo em Libras se baseia na relação com o aspecto verbal, conforme defende Finau (2004). Acrescentamos a essa análise, todavia, a identificação de um papel dessa relação aspectual no estabelecimento da oposição entre passado e presente.

1. A MARCAÇÃO DE TEMPO E ASPECTO EM LIBRAS

Conforme Finau (2004, p.51), que investiga a questão do tempo e aspecto em Libras por meio de uma descrição de base semântico-pragmática, existem duas grandes vertentes nas investigações de tempo/aspecto em línguas de sinais: uma que propõe a inexistência de flexão nessas línguas, para a qual a referência temporal se organiza, em determinadas línguas de sinais, com o emprego de elementos lexicais, principalmente os advérbios, e outra que propõe a existência de afixação sequencial, para a qual há a possibilidade de existirem afixos aspectuais marcados por características específicas dos movimentos que modificam a raiz dos sinais verbais.

Conforme a autora, em todas as análises de línguas de sinais, observa-se o emprego de uma linha temporal marcando presente, passado e futuro em relação à orientação corporal. Assim, autores como Amaral, Coutinho e Martins (1994), citados por Finau (2008), e também Zeshan (2003), entre outros, têm relacionado o tempo em língua de sinais a uma linha temporal, na qual o passado, o presente e o futuro são determinados pela produção de sinais temporais em diferentes localizações do espaço de sinalização, com base no corpo do sinalizador. Pereira (1993) afirma que muitos verbos podem formar seu futuro a partir de um movimento para frente, mas isso não constitui um fenômeno estendido a todo o paradigma verbal.

Conforme Finau (2004) e Pereira (1993), tem-se assumido, para descrever a Libras, um quadro de flexão muito parecido com o proposto para a Língua Americana de Sinais (ASL), como é feito, por exemplo, nos trabalhos de Quadros (1997, 1999) e Quadros e Quer (2010). Entretanto, tal análise não é unânime para a Libras. Um dos autores que apresenta análise divergente dessa é Ferreira (2010 [1995]), para quem não há marca de tempo nas formas verbais da Libras, pois, nessa língua, a referência temporal seria dada por itens lexicais como os sinais adverbiais. Conforme a análise dessa autora, a narrativa se inicia com uma marca lexical temporal e, enquanto não aparecer outro item ou sinal para mudar o tempo do discurso, o que prevalece é a proposição inicial. De modo geral, essa autora compreende que tempo é marcado em Libras por meio de advérbios, segundo ela:

O tempo é expresso através de locativos temporais manifestando entre si relações espaciais. O plano vertical imediatamente em frente ao corpo do locutor representa o presente (HOJE, AGORA). O futuro próximo é indicado por um movimento curto que se direciona para frente do locutor (AMANHÃ). O futuro distante é denotado por um movimento amplo que se afasta mais ainda do corpo do locutor para a frente (DAQUI A MUITO TEMPO). O passado é indicado por um movimento sobre o ombro até atingir o espaço imediatamente anterior ao ouvido (ONTEM). O passado distante é obtido por um movimento amplo que se estende além das costas (HÁ MUITO TEMPO) (FERREIRA BRITO, 1983 *apud* FERREIRA, 2010 [1995], p.48).

Também para Felipe (1998) as marcas de tempo ocorrem sintaticamente por meio dos advérbios, na linha temporal; além disso, por sua análise, podem ser encontradas noções temporais também na raiz semântica dos verbos.

Noutra perspectiva, Finau (2004) defende que o futuro tem uma estrutura estereotipada, precisando sempre de um operador temporal para ser denotado; o passado pode ter operador ou ser dado pelo aspecto perfectivo dos verbos, o presente é dado por *default*, justamente pela ausência de marcas para passado ou futuro. Com base nessa ideia a autora defende a hipótese de que as sentenças sem operadores na Libras podem ter a sua temporalidade denotada pela composição entre aspecto e fatores pragmáticos.

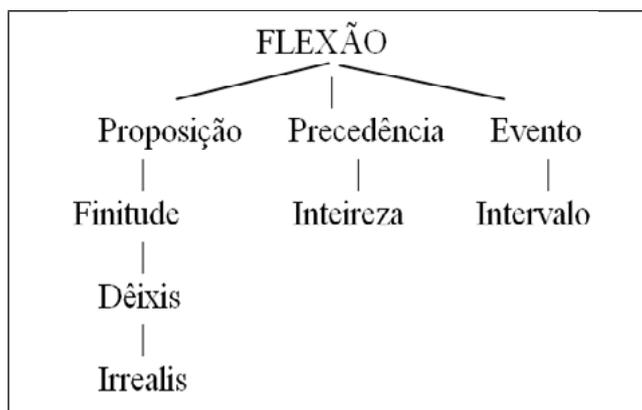
Quanto à propriedade de aspecto, algumas marcas aparecem nas línguas de sinais, conforme Finau (2004, p. 51), “para o aspecto durativo (denominado por diversas terminologias pelos diferentes autores). E entre essas marcas estão: repetição de sinais verbais, amplitude e intensidade do movimento e processos não manuais como expressão facial”. Na análise de Ferreira (2010 [1995]), o aspecto na Libras é marcado pelas modulações de movimento dos sinais, que resultam nos aspectos pontual, continuativo ou durativo e iterativo. A autora considera que, para aspecto, ocorre em Libras um fenômeno de afixação; ou seja, no caso do aspecto verbal, essa autora analisa que, na Libras, este seja marcado por afixação por meio da alteração do movimento, da configuração de mão e/ou do ponto de articulação do verbo, o qual seria considerado raiz ou radical. Também Felipe (1998) considera que haja na Libras processos flexionais para modo, aspecto distributivo e tempo (pontual, continuativo, gradual). Segundo a análise dessa autora, na Libras, os morfemas sempre estão presos a uma raiz verbal e a flexão de aspecto verbal se dá pela mudança na frequência ou na velocidade dos movimentos, ocorrendo diferenças entre marcas para os aspectos durativo, distributivo e contínuo.

2. A GEOMETRIA DE TRAÇOS NA CATEGORIA VERBAL

Segundo Kato (2002), com a evolução da noção de parâmetro, verificou-se que uma propriedade singular de uma língua não constitui um parâmetro, mas a manifestação substantiva de alguma propriedade formal abstrata da qual decorrem outras propriedades substantivas na língua. Assim, mesmo uma língua que aparentemente não apresenta uma morfologia flexional constituída como paradigma bem estruturado, como a Libras, deve ser analisada, considerando-se que esta se estrutura sob propriedades funcionais abstratas comuns às línguas naturais. Com base nessa perspectiva, o estudo sobre a geometria de traços tem sido utilizado para explicar a flexão verbal existente nas línguas. Assim, tomamos como base essa teoria para tentar compreender a (não-) flexão verbal na Libras.

Para tanto, nos valem dos estudos de Cowper (2003), que utiliza o recurso da geometria de traços para uma análise da flexão verbal do Inglês com base na teoria da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993), e nos estudos de Freitag (2005), o qual se baseia nos estudos de Cowper (2003) para fazer a mesma análise na Língua Portuguesa. Como mencionamos, para Cowper (2003), a

marcação de *tempo*, *modo* e *aspecto* se baseia em um pequeno conjunto de traços de flexão fixados na GU, que, combinados entre si, codificam toda a diversidade de formas verbais de todas as línguas, conforme quadro a seguir adaptado por Freitag (2005, p. 422).



Quadro 1: Conjunto de traços de flexão de Cowper (2003)

Segundo Freitag (2005), as línguas dispõem de um conjunto de traços, e cada língua irá compor seu subconjunto a partir desse conjunto maior, o que contribuirá para a diversidade linguística. Portanto, o que pretendemos neste estudo é tentar descobrir qual o arranjo de traços que formam o subconjunto da Libras para as propriedades de *tempo*, *aspecto* e *modo*.

[Evento] e [Intervalo] referem-se, conforme o Cowper (2003), ao conteúdo aspectual; [Precedência] e [Inteireza] estão relacionados ao tempo, já [Proposição], [Finitude], [Dêixis] e [Irrealis] equivalem ao conteúdo modal. Para a autora, a distinção entre uma frase eventiva ou estativa está na presença ou ausência do traço [Evento] e esse traço não é licenciado por nenhum morfema particular.

Afirma Freitag (2005) que cada traço é responsável pela expressão de um significado específico, a autora define os traços citados acima da seguinte maneira:

O traço [Evento] distingue eventos de todo o tipo de estados. O traço [Intervalo] distingue eventos internamente subdivididos em fases (imperfectivos). O traço [Precedência] estabelece relação (que pode ser de simultaneidade ou inclusão) entre uma sentença e sua âncora temporal. O traço [Inteireza] requer a relação de precedência para estabelecer relação entre todos os momentos do evento e a âncora temporal. O traço [Proposição] distingue eventos e estados de suas manifestações cognitivas. O traço [Finitude], conteúdo puramente sintático, licencia caso para sujeito estrutural e concordância com os traços- ϕ com o verbo (FREITAG, 2005, p.422).

Como podemos perceber, cada traço mantém uma relação de dependência com os outros traços. De acordo com Freitag (2005, p.422), o traço [Intervalo] é dependente de [Evento], o traço [Inteireza] é dependente de [Precedência] e o traço [Irrealis] é dependente de [Dêixis]. A propriedade [Inteireza] refere-se à continuidade de uma ação, se foi concluída ou não. A propriedade [Precedência] tem a ver com o sistema temporal das línguas. O tempo passado é marcado com o traço [Precedência] e a ausência desse traço nos indica que a sentença pode estar no presente ou futuro. Já o traço [Finitude] apresenta tempo, modo e aspecto, e, em Língua Portuguesa, isso é marcado por uma morfologia. O traço [Irrealis] refere-se a uma ação não concreta, irreal. Esse traço estabelece relação com a proposição. Em Inglês, por exemplo, a relação [Irrealis] pode ser realizada com os verbos modais *will* e *must* e com *can* e *may*, conforme Freitag (2005). Em português esse traço está relacionado ao modo subjuntivo, em que a sentença é apresentada como uma incerteza, uma probabilidade. E o traço [Dêixis] se refere, ainda segundo Freitag (2005), ao conjunto de âncora temporal e/ou pessoal da sentença.

3. UMA POSSÍVEL GEOMETRIA DE TRAÇOS NA CATEGORIA VERBAL EM LIBRAS

Outros autores também se basearam no estudo da geometria de traços para explicar aspectos peculiares à estrutura gramatical da Libras, como, por exemplo, Prado (2014). A autora estudando um elemento de apontação (Localizadores – Locs) presente na Libras, e em línguas de sinais de modo geral, defendeu que esse elemento pertencia à categoria dos Determinantes, sendo portanto um núcleo D, e defendeu que a referencialidade nessa língua toma como base o traço [dêixis] presente nesse elemento. Assim, a autora assume que a Libras possui um traço de dêixis, além de um conjunto de outros traços, nos núcleos funcionais do nominal (D, Pos, Q), o qual deve ser obrigatoriamente checado para produzir leitura referencial.

A assunção da [dêixis] como uma propriedade presente na base dos Locs já havia sido assumida por Prado e Lessa-de-Oliveira (2012). Segundo as autoras, a dêixis refere-se à realização do elo entre a produção linguística do falante e o contexto situacional em que tal produção ocorre. Diferentemente de outros autores, como Pizzuto *et al* (2006), que definem os elementos Localizadores como recursos de coesão textual que permitem aos falantes ou sinalizantes introduzir referentes no discurso (dêixis) e referir-se a eles em momento posterior (anáfora), Prado e Lessa-de-Oliveira (2012) levantam a hipótese de que esses elementos têm uma natureza exclusivamente dêítica. As autoras afirmam que, mesmo nos contextos em que Pizzuto *et al* (2006) tratam esses elementos como anafóricos, esses marcam a referenciação de forma dêítica, uma vez que fazem sempre apontação direta dos referentes, em qualquer parte do discurso.

Assim, entendemos que a dêixis se dá na localização e na identificação de referentes no tempo da enunciação. Faremos além da análise das propriedades funcionais relacionadas ao verbo também uma observação do papel da dêixis, considerando que o traço [Dêixis] está no quadro dos traços verbais traçado por Cowper (2003), figurando como âncora temporal e/ou pessoal da sentença, algo já constatado no caso da categoria D, conforme o trabalho de Prado (2014).

3.1 A categoria aspectual em Libras

Segundo Castilho (1968, p. 14) o “aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento. É, pois, a representação espacial do processo”. Finau (2008) explica que o aspecto é responsável pela interpretação de uma ação como concluída ou não, observada na sua duração ou repetição, pois o aspecto indica a duração do processo verbal.

Alguns sinais em Libras parecem fazer essa marcação aspectual com um alongamento do movimento como, por exemplo, o sinal CRESC[er], que é iniciado na linha da cintura e faz um movimento para cima próximo a direção do ombro. Realizado assim, esse sinal não faz nenhuma marcação específica para aspecto, porém se esse movimento seguir até o topo da cabeça, isto significa que se trata de uma ação contínua, um aspecto imperfectivo. Como vimos, autores como Ferreira (2010 [1995]) e Felipe (1998) consideram que o aspecto ocorre em Libras como um fenômeno de afixação por meio da alteração do movimento, da configuração de mão e/ou do ponto de articulação do verbo.

Para Finau (2008, p. 130), em Libras a categoria aspecto é marcada pela semântica do verbo e sua composicionalidade com os argumentos verbais e por flexões. Assim, conforme a autora, verifica-se nessa língua: (1) *aspecto imperfectivo*, realizado por valor lexical do verbo, denotando evento que dispensa desfecho e/ou alteração do parâmetro movimento (amplitude, duração, velocidade, direção), e por modificação do parâmetro expressão facial, sendo que o início ou o final do evento pode ser marcado por uma expressão ou operador temporal, ocorrendo imperfectivo: inceptivo (fase inicial do evento), cursivo (desenvolvimento do evento) ou terminativo (fase final do evento); (2) *aspecto iterativo*, realizado por valor lexical do verbo, denotando evento que tem seu desfecho no mesmo momento em que é iniciado e os mesmos parâmetros empregados para o imperfectivo; e (3) *aspecto perfectivo*, realizado por valor lexical perfectivo do verbo ou emprego de operadores temporais específicos para fechar um evento, verificando-se formação de sinais com movimentos abruptos e retos.

Entretanto, notamos outras formas diferentes das de alteração ou alongamento no movimento para determinar duração e término de um evento.⁵ Observamos que, no caso do verbo CONSTRU[ir], por

5 Observamos um quadro afixional produtivo na categoria verbal em Libras marcando uma propriedade que normalmente não é indicada como aspecto. É a “intensidade”, comumente encontrada nas línguas na categoria adverbial. Em Libras, a intensidade é marcada por um realce dado, geralmente, ao movimento componente do sinal, que pode ser intensificado na sua rapidez ou lentidão ou ser acentuado em seus contornos. É o que vemos nos exemplos a seguir. O sistema SEL utiliza duas barrinhas (||) para indicar essa intensificação.

(i) a.  QUERER
'querer'

b.  QUER[er]^{intensidade}
'querer muito'

Em (i,b), o movimento retilíneo para trás do sinal  (QUER[er]^{intensidade}) é realizado com um contorno diferente, como se se colocasse mais força no braço ao puxar a mão para trás. A intensificação do movimento é acompanhada de uma expressão facial que sugere intensificação.

(ii) a.  RÁPIDO
'rápido'

b.  RÁPIDO^{intensidade}
'muito rápido'

Essa intensificação pode ocorrer também com adjetivos. Em (ii,b) o sinal  (RÁPID[o/a]^{intensidade}) o movimento retilíneo para a esquerda e para a direita realizado em frente da boca é acelerado para marcar a intensificação da rapidez.

exemplo, o aspecto imperfectivo é marcado por reduplicação.⁶⁴ Vejamos um exemplo, encontrado em nosso *corpus*.

- (3) a.
 HOMEM SACRIFÍC[io] CONSTRU[ir] CONSTRU[ir] CONSTRU[ir]
 ‘O homem continuou construindo com sacrifício.’

Em (3), o aspecto imperfectivo não acontece com o alongamento do movimento do sinal CONSTRU[ir], mas com a reduplicação desse sinal, alternando-se sua forma fonológica. Ou seja, o falante faz a sentença alternando o sinal CONSTRU[ir] entre duas formas, uma com a mão configurada em (*mão espalmada*) e outra com a mão configurada em (*esse*).

O que observamos ocorrer mais produtivamente em Libras é certa relação entre aspecto e tempo, algo comum entre as línguas. No caso da Libras, essa relação parece ter a ver com a atuação direta de operadores temporais. Nos exemplos a seguir verificamos que os aspectos pontual e durativo presentes semanticamente em CHEG[ar] e MOR[ar], respectivamente, determinam a marcação de um tempo perfectivo no caso do primeiro e imperfectivo no caso do último. Assim, traduzimos para o português o primeiro com verbo no pretérito perfeito e o segundo com verbo no presente.

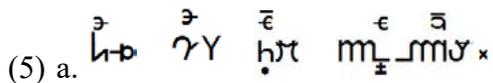
- (4) a.
 J-O-Ã-O CHEG[ar]
 ‘João chegou.’
 b.
 J-O-Ã-O MOR[ar] AQUI
 ‘João mora aqui.’

- (iii) a.
 LENTO
 ‘lento’
 b.
 LENTO^{intensidade}
 ‘muito lento’

Já em (iii.b) a intensificação no sinal (LENT[o/a]^{intensidade}) é marcada pela desaceleração do movimento componente do sinal que é fechamento gradativo dos dedos indicador, médio, anelar e mínimo.

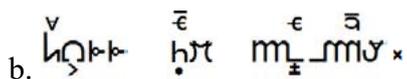
64 Essa reduplicação do verbo para expressar a continuidade é inclusive comum.

Também operadores como advérbios ou locuções adverbiais de tempo podem marcar o aspecto, em Libras, como em (5a) em que o aspecto inceptivo é garantido por SEMANA PRÓXIM[a] e, em (5b), em que o aspecto iterativo é garantido por TODO DIA.

(5) a. 

SEMANA PRÓXIM[a] EU VIAJ[ar]

‘Semana que vem eu viajo.’

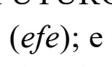
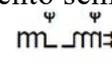
b. 

TOD[o] DIA EU VIAJ[ar]

‘Todo dia eu viajo.’

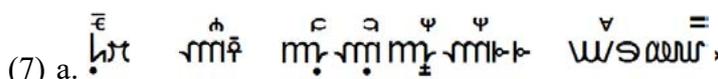
3.2 A categoria temporal em Libras

Conforme mencionamos, a Libras apresenta três tempos: *presente*, *passado* e *futuro* com variações em passado próximo e distante; e futuro próximo e distante. Podemos dizer que, diferentemente da Língua Portuguesa, a Libras não apresenta morfemas afixados aos verbos para que essa marcação aconteça, mas se utiliza de outros recursos. Em outras palavras, pelo que verificamos nos dados, a hipótese de afixação não encontra um paradigma flexional consistente para se sustentar. Por outro lado, do ponto de vista gerativista, as propriedades de tempo e aspecto pertencem ao quadro funcional da estrutura linguística, sendo, por isso, certamente estabelecido por um sistema abstrato bem constituído.

Assim, assumimos a hipótese de que tempo e aspecto em Libras se manifestam por um conjunto de traços universais que estão disponíveis na GU e que são arranjados pela língua através de recursos não flexionais, cuja âncora é a propriedade da dêixis temporal. Verificamos, assim, que os tempos verbais de fato apresentam, em Libras, operadores temporais de forma articulada foneticamente: o sinal  (PASSADO), articulado com um movimento da mão para trás, colocada pouco acima do ombro; o sinal  (FUTURO), articulado com um movimento semicircular para frente com a mão configurada em **f** (*efe*); e os sinais  (HOJE) e  (AGORA), que se articulam com as mãos espalmadas com palmas para cima, que se movem uma em direção à outra, de maneira um pouco mais curtinha e rápida no caso de AGORA. Além de serem marcados por esses sinais, os três tempos podem ser marcados por outros sinais como AMANHÃ, ONTEM, PRÓXIMO ANO, SEMANA PASSADA etc.⁷ Também encontramos, na marcação do futuro, um

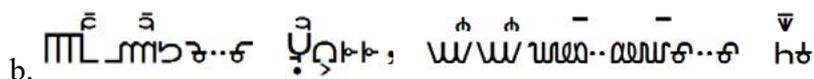
⁷ Além dos sinais articulados, expressões não manuais (ENM) que possam vir a substituir os sinais temporais, também são consideradas marcação articulada de tempo, ainda que suprasegmentais, dentro da perspectiva desta análise.

Como vimos, Finau (2004) defende que sentenças sem operadores na Libras podem ter a sua temporalidade denotada pela composição entre aspecto e fatores pragmáticos. É o que observamos nas sentenças a seguir.

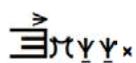
(7) a. 

EU CRESC[er] ESCOLA OUVINTE

‘Eu cresci em escola de ouvinte.’

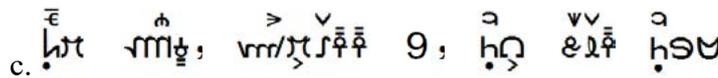
b. 

NASC[er] SÃO PAULO MUD[ar] AQUI



BAHIA

‘Eu nasci em São Paulo, depois mudei aqui para Bahia.’

c. 

EU CRIANÇA IDADE 9 PENS[ar] ÚNIC[o/a] SURD[o/a]



MUNDO

‘Quando eu era criança, aos nove anos de idade, pensava que eu era o único surdo do mundo.’

Notem que, assim como nas sentenças anteriores, em (7) também não há marca temporal, mas identificamos claramente que são situações ocorridas no passado, já que tanto para os verbos NASC[er], CRESC[er] e MUD[ar], que são pontuais, como para PENS[ar], que não é, parece ser possível a identificação da temporalidade pela completude do evento e pelo contexto pragmático. Como se trata de indivíduos adultos contando esses eventos de suas histórias pessoais, tais fatos apresentam completude via condição pragmática.

Assim, embora concordemos com Finau (2004) quanto à interferência do aspecto e de fatores pragmáticos na marcação do tempo em Libras, diferentemente do que prevê essa autora, verificamos que a não ocorrência de operadores de tempo não parece estar associada ao tempo presente apenas, que seria o *default*, na concepção da autora. A nossa análise para essa questão vai na seguinte direção. Partindo, em conformidade com Costa (1990), da ideia de que entidades localizadas na dimensão temporal são aquelas compostas pelos estados, processos e eventos, entendemos que, com base em *Âncora Temporal Lógica*, concretamente, os eventos e processos só existem no passado. No presente, os eventos e processos não estão completos e, quando se completam, tornam-se passado. O mesmo se pode dizer dos eventos e processos futuros, que não têm sua existência concretizada, a não ser quando estejam completamente no passado. Nessa perspectiva podemos considerar o traço [Precedência] dentro de certa *Âncora Temporal Lógica*, que se baseia na [Dêixis] temporal. Por lógica, o traço [Inteireza] se associa ao traço [Precedência], pois para ser verdadeiramente precedente o evento ou processo precisa estar inteiro, completo, concluído. Pelo quadro de Cowper (2003), o traço [Precedência] tem em sua dependência o traço [Inteireza].

Assim, por nossa análise, o sistema de marcação temporal que se estrutura na Libras parte de uma *Âncora Temporal Lógica*, que associa: o *passado marcado* (isto é, com a presença de operadores marcados) à presença do traço [Precedência] somente; o *passado não-marcado* à presença dos traços [Precedência]+[Inteireza]; o presente marcado à presença do traço [Inteireza] somente; e o presente não-marcado à ausência de qualquer desses traços.

Dessa forma, o *aspecto* marca a oposição entre presente e passado, em certos casos sem necessidade de operador morfofonológico de tempo. A respeito da relação tempo e aspecto, Finau argumenta que:

[...] na Libras, é possível interpretar sentenças como estando no presente quando a lexicalidade dos verbos e de seus complementos não estiver denotando um evento pontual, cujo tempo de referência pode ser interpretado como um todo ocorrido antes do momento de fala, pois, nesse caso, o tempo que se coloca é de passado. Então, o único tempo que necessariamente precisa ser marcado é o futuro, porque somente a semântica dos verbos e seus argumentos não é suficiente para expressá-lo (FINAU, 2008, p.270).

Corroborando o que Finau (2008) afirma, observamos que verbos com aspecto durativo sinalizam o presente sem marca morfofonológica (8a), diferentemente de verbos pontuais, que sinalizam o passado sem marca morfofonológica (9a).

A ambiguidade que observamos em (9b) entre passado e futuro é curiosamente provocada pela presença do sinal HOJE. Como o evento CHEG[ar] é pontual, a sua ocorrência pode se dar em diferentes pontos do intervalo do dia em curso, tanto antes como depois do momento da fala. Como esse verbo não exige marca de passado para ser interpretado no passado, essa interpretação é gramatical; por outro lado, a presença de HOJE cria a possibilidade também da leitura de futuro, uma vez que é perfeitamente possível a ocorrência de um fato dentro do dia em curso, mas posterior ao momento da fala. Observemos que, em português, a frase “João chega hoje” apresenta uma leitura de futuro, isto é, ocorrência do fato após o momento da fala, não obstante a ausência de qualquer marca de futuro, seja como flexão verbal seja como advérbio. Já em (9c) a interpretação de futuro é garantida pelo fato de AMANHÃ representar um intervalo de tempo certamente depois do momento da fala.

Quanto à marcação de tempo passado pelo sinal $\overline{\text{PASSADO}}$ (PASSADO), também se explica por características aspectuais, como aspecto inconcluso ou durativo (8b), ou pela necessidade de se marcar o passado distante (10c).

(10) a. $\overline{\text{PASSADO}}$ $\overline{\text{MORR}}$ $\overline{\text{AQUI}}$

JOÃO MORR[er] AQUI

‘João morreu aqui.’

b. $\overline{\text{PASSADO}}$ $\overline{\text{MUIT}}$ $\overline{\text{PESSOA}}$ $\overline{\text{MORR}}$ $\overline{\text{AQUI}}$

MUIT[as] PESSOA[s] MORR[er] AQUI

‘Muitas pessoas morrem/morreram aqui.’

c. $\overline{\text{PASSADO}}$ $\overline{\text{PASSADO}}$ $\overline{\text{MUIT}}$ $\overline{\text{PESSOA}}$ $\overline{\text{MORR}}$ $\overline{\text{AQUI}}$

PASSADO MUIT[as] PESSOA[s] MORR[er] AQUI

‘No passado, muitas pessoas morreram/morriam aqui.’

Em (10a) temos um verbo de aspecto pontual. Assim, (10a) é uma sentença de passado não-marcado. Em (10b) notamos que o plural do sujeito modifica de certa forma a condição aspectual do verbo, agregando a este o aspecto iterativo, ou seja, o evento continua sendo pontual, mas estende-se por um intervalo de tempo maior porque se repete, uma vez que as mortes podem ocorrer em momentos

diferentes. Isso implica uma leitura de presente não-marcado. Por outro lado, essa sentença também admite uma leitura de passado não-marcado, perfectivo, uma vez que se admite também a leitura em que todas as pessoas morreram ao mesmo tempo, restringindo o evento ao aspecto pontual. Assim temos uma sentença ambígua.

Também em (10c) observamos uma sentença de interpretação ambígua, mas a ambiguidade aí se limita ao aspecto perfectivo ou imperfectivo, pois o tempo é o passado devido ao operador $\bar{\Psi}$. A leitura de passado imperfectivo se dá pelo mesmo motivo de (10b), o sujeito no plural amplia o intervalo de tempo do evento, tornando-o iterativo. E a leitura perfectiva ocorre, também igualmente a (10b), devido ao fato de se admitir também a leitura em que todas as pessoas morreram ao mesmo tempo, restringindo o evento ao aspecto pontual.

Quanto ao tempo futuro, de fato esse parece depender mais de operadores articulados foneticamente do que os dois outros tempos. Tanto com verbos durativos como MOR[ar], ESTUD[ar] ou NARR[ar], em (8c), (11b) e (11c), como com verbos pontuais como CHEG[ar], em (9c), o tempo futuro depende, em Libras, de operadores de futuro fonológicos, sendo um deles um verbo auxiliar, inclusive.

(11) a. $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$
 $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$

EU ESTUD[ar] UESB MATEMÁTICA

‘Eu estudo Matemática na UESB.’

b. $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$
 $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$

FUTURO EU ESTUD[ar] UESB MATEMÁTICA

‘Eu vou estudar Matemática na UESB.’

c. $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$
 $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$ $\bar{\Psi}$

[ir]_{LocEU} NARRAR HISÓRIA LocLIVRO

‘Vou narrar uma história aqui.’

Por fim, um operador fonológico do presente marcado também se verifica quando o verbo não é durativo, como CHEG[ar] em (12a). Nesse exemplo, o sinal TODO DIA traz para o evento um aspecto iterativo e habitual num intervalo de tempo presente. A ausência desse operador provoca uma leitura no passado (12b).

(12) a. $\overset{v}{\text{h}}\overset{\bar{e}}{\text{t}}\overset{>}{\text{m}}\overset{c}{\text{m}}\overset{a}{\text{m}}\overset{v}{\text{t}}\overset{x}{\text{t}}$

TODO DIA EU CHEG[ar] MORA[dia] TARDE

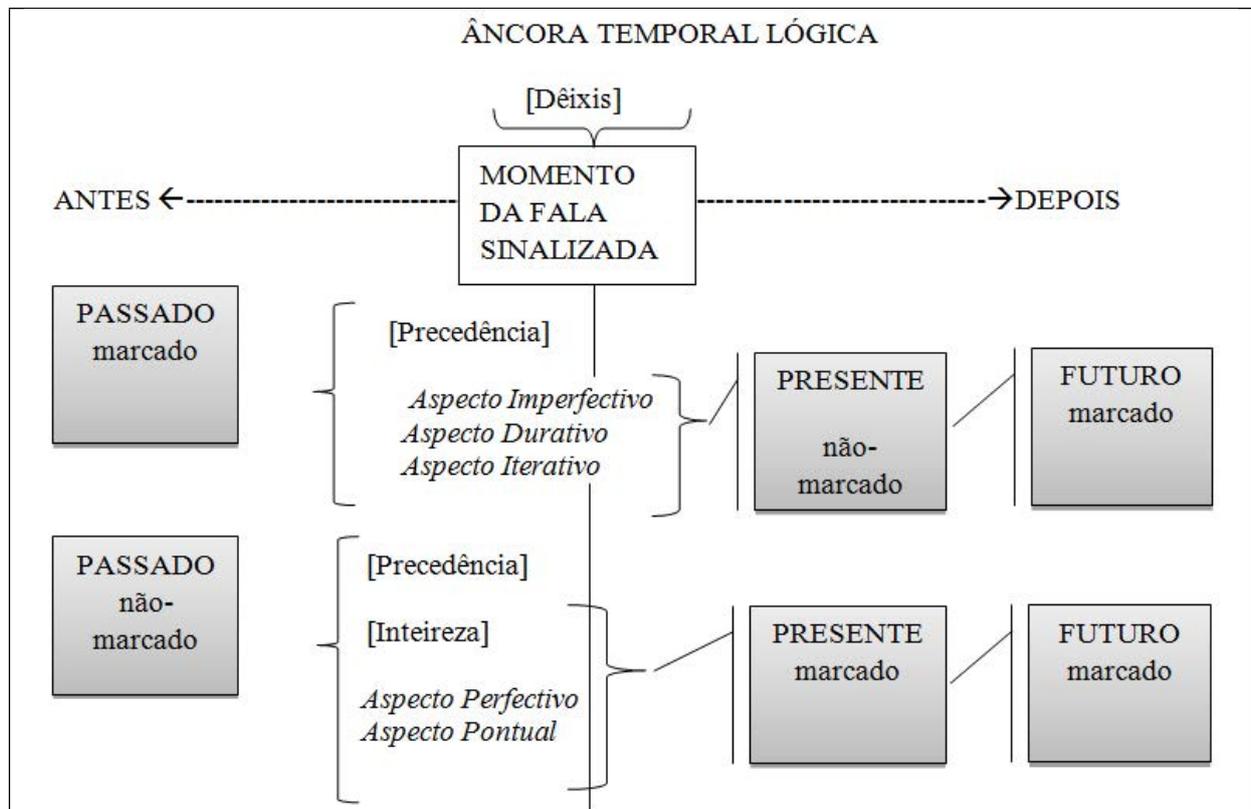
‘Todo dia eu chego em casa tarde.’

b. $\overset{\bar{e}}{\text{h}}\overset{>}{\text{m}}\overset{c}{\text{m}}\overset{a}{\text{m}}\overset{v}{\text{t}}\overset{x}{\text{t}}$

EU CHEG[ar] MORA[dia] TARDE

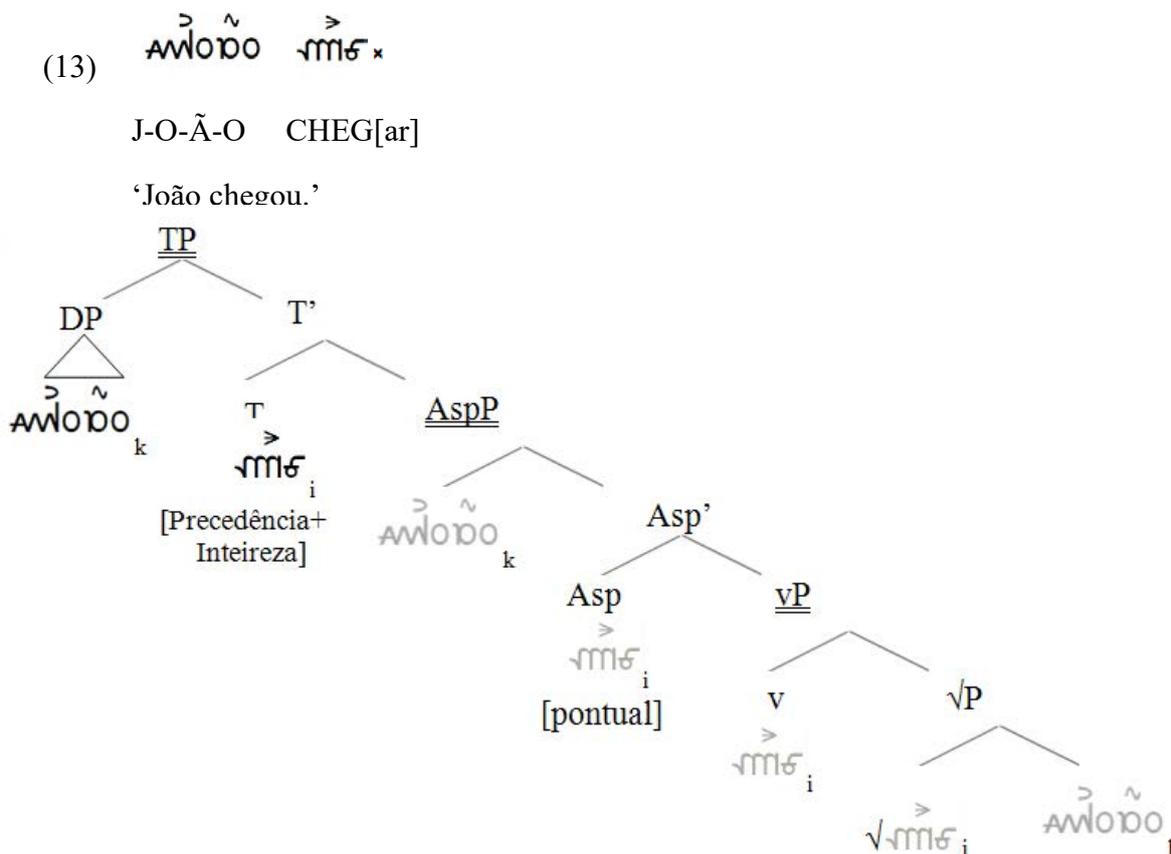
‘Eu cheguei em casa tarde.’

Dessa forma, notamos que tanto o passado quanto o presente podem ser não-marcados, tendo a temporalidade identificada por uma associação ao aspecto, deixando a obrigatoriedade de marcação temporal para o tempo futuro. E, tanto o passado quanto o presente podem ser marcados com um operador temporal fonológico, caso o aspecto verbal não corresponda ao contexto dos tempos não-marcados. No quadro abaixo resumimos a nossa análise para tempo/aspecto em Libras:



Quadro 2: Marcação de tempo em Libras

Em (13) vemos a estrutura em que a raiz CHEG[ar], que se concatena aos núcleos v e Asp, constitui-se como um verbo, o qual em T pode checar [Precedência+Inteireza], sem precisar de matriz fonológica para o morfema temporal devido a sua natureza aspectual pontual.



3.3 A categoria modal em Libras

Para definir os traços da categoria modal nas línguas, é preciso antes identificar e definir seus aspectos morfossintáticos, conforme Cowper (2003), e para isso é necessário fazer a distinção entre proposição e evento nu. Temos uma proposição quando a sentença é passível de valor de verdade, se não, temos um evento nu.

Segundo Freitag (2005, p. 424), as sentenças proposicionais podem ser divididas em duas subclasses: as que têm os traços [Finitude] e [Dêixis] e as que não os têm, podendo as sentenças finitas proposicionais ter o traço [Irrealis]. Ainda segundo a autora, o traço [Dêixis] é dependente do traço [Finitude]. Assim, sentenças finitas não-dêíticas são subjuntivas e sentenças finitas dêíticas são indicativas. Nesse interim, o modo verbal está relacionado ao grau de relações temporais existentes entre as sentenças, no centro dêítico da enunciação. O traço [Dêixis] pode estar relacionado tanto à dêixis de tempo [T-dêixis] como à de pessoa [P-dêixis].

✓ D em V-A-I, ou com itens lexicais como os sinais ONTEM, AMANHÃ, DOMINGO PRÓXIMO etc.; e (2) na *raiz semântica do próprio verbo* que associa aspecto a traços funcionais específicos que marcam se o evento é expresso como completo ou incompleto.

Assim, com base no arcabouço teórico da MD, assumimos a hipótese de que o sistema de marcação temporal que se estrutura em Libras parte de uma Âncora Temporal Lógica que associa: o *passado marcado* à presença do traço [Precedência] somente; o *passado não-marcado* à presença dos traços [Precedência]+[Inteireza]; o presente marcado à presença do traço [Inteireza] somente; e o presente não-marcado à ausência de qualquer desses traços.

Dessa forma, o tempo é indicado, levando em conta o centro dêitico temporal lógico, com base no qual se realiza o passado e o presente de forma não-marcada, se os verbos apresentam, respectivamente, os aspectos pontual, perfectivo, de um lado, e durativo, imperfectivo do outro. Por isso, nesses casos, não há necessidade de nenhum operador articulado, devendo ocorrer um operador fonológico apenas quando se quer marcar um evento não-concluso, no passado, e não-durativo e conclusivo, no presente. E, obrigatoriamente, os operadores articulados foneticamente só ocorrem marcando o futuro.

Verificamos também que o aspecto [durativo] pode ser marcado, em Libras, por um alongamento ou pela repetição do movimento na articulação do sinal. E a marcação do modo, nessa língua, definido pela presença/ausência dos traços [Finitude], [Dêixis] e [Irrealis] não necessita de flexão verbal morfofonológica, podendo esses traços ser identificados em subordinadas e em sentenças simples em contextos sintáticos apropriados aos mesmos; e também sinais como ᶯᶮᶮ (TALVEZ), ᶮᶮ (SE), além das expressões faciais e/ou corporais, podem contribuir para marcação do traço [Irrealis].

REFERÊNCIAS

AMARAL, M; COUTINHO, A; MARTINS, M. Para uma gramática da língua gestual portuguesa. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.

CASTILHO, A. T. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: Faculdade de Filosofia, 1968.

COSTA, S. B. B. *O aspecto em português* – Coleção Repensando a Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto, 1990.

COWPER, Elizabeth. *Tense, Mood and Aspect: A Feature-Geometric Approach*. 2003. Disponível em: <<http://homes.chass.utoronto.ca/~cowper/Cowper.TMA2003.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2014.

FELIPE, Tanya. Relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na LIBRAS. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

FERREIRA, Lucinda. *Por uma gramática de Línguas de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010 [1995]. 273p.

FINAU, Rossana A. Os sinais de tempo e aspecto na libras. 233 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

_____. As marcas linguísticas para as categorias e aspecto na libras. In: QUADROS, Ronice M. de. (Org.). *Estudos Surdos III*. Petrópolis: Arara Azul, 2008, p. 260-300.

FREITAG, Raquel M. K. Arranjo dos traços da flexão verbal no português. *Estudos Linguísticos XXXIV*, p. 421-426, Garopaba, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. “Distributed Morphology and the Pieces of Inflection”. In: *The View from Building 20*, ed. Kenneth Hale and S. Jay Keyser. MIT Press, Cambridge: MIT Press, pp. 111-176, 1993.

KATO, Mary A. *A evolução do conceito de “parâmetro”*, *DELTA*, 309-337, 2002.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana S. C. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

_____. *Estrita SEL – Sistema de Escrita para Língua de Sinais*. [Blog Internet]. Vitória da Conquista, Brasil. Disponível em: <<http://sel-libras.blogspot.com.br/>>. Acesso a partir de: 02 de abril de 2014.

PEREIRA, Paulo. Núcleos funcionais da sentença e categorias verbais: a interface sintaxe-semântica da linguagem. *Revista Tabuleiro de Letras, PPGEL – Salvador*, nº. 07, p. 64-86, dezembro de 2013.

PIZZUTO, Elena *et al.* Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: Evidências interlinguísticas nas Línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS). In: QUADROS, Ronice; Vasconcellos, Maria Lúcia Barbosa (Org.). *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais*. Ed. Arara Azul. Florianópolis, 2006.

PRADO, Lizandra C. Sintaxe dos determinantes na língua brasileira de sinais e aspectos de sua aquisição. 2014. 164fl. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014.

_____; LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana S. C. Dêixis em elementos constitutivos da modalidade falada de línguas de sinais. *ReVEL*, v. 10, p. 38-57, 2012. [www.revel.inf.br].

QUADROS, Ronice M. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. *Phrase Structure of Brazilian sign language*. 1999. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

_____; QUER, Josep. A caracterização da concordância nas línguas de sinais. In: LIMA-SALLES, Heloisa; NAVES, R. *Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos*. Goiânia: Cênone, 2010.

ZESHAN, U. Indo-pakistani sign language grammar: a typological outline. *Sign language studies*. Washinton, D. C. :Gallaudet University Press, v. 3, n.2, Winter, 2003.